

ANÁLISE LINGUÍSTICA EM FOCO: ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO DOS ALUNOS NO ENEM EM QUESTÕES REFERENTES AO USO DA LÍNGUA MATERNA

Mariane Mérida Silva¹

Joane Marieli Pereira Caetano²

Carlos Henrique Medeiros de Souza³

Resumo: Este artigo tematiza a performance dos alunos no ENEM em questões que abordem, no Eixo das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, habilidades referentes à capacidade de analisar os contextos de aplicação da língua portuguesa em uso. Por conta disso, parte-se da seguinte indagação: como os participantes do ENEM desenvolvem-se frente a questões que envolvam habilidades de identificação, relação e reconhecimento dos usos da língua em diversificados contextos de aplicação? Objetiva-se, assim, investigar o desempenho discente no exame de avaliação de maior destaque nacional. Metodologicamente, realizou-se um estudo do Relatório Pedagógico do ENEM em suas ponderações diante dos resultados identificados, de modo particular, nas questões com propostas de análise linguística. O aporte teórico subjacente a este trabalho encontra respaldo em Marcondes (2010); Geraldi (2001); Luft (2009); Perini (2009); e Suassuna (2012).

Palavras-chave: Linguística. Ensino. ENEM.

LINGUISTIC ANALYSIS IN FOCUS: STUDY ON THE PERFORMANCE OF STUDENTS IN THE ENEM IN MATTERS CONCERNING THE USE OF THE BREAST LANGUAGE

Abstract: This article discusses the students' performance in ENEM in questions that address, in the axis of Languages, Codes and their Technologies, abilities related to the ability to analyze the contexts of application of the Portuguese language in use. As a result, the following question emerges: how

1 Licenciada em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail: marimeridasilva@gmail.com.

2 Doutoranda e Mestra em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Especialista em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Licenciada em Letras (UNIFSJ). Professora de Linguística (UNIFSJ). E-mail: joaneiff@gmail.com

3 Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ).

do ENEM participants deal with issues involving the identification, relationship and recognition of language uses in a variety of application contexts? The aim of this study is to investigate student performance in the most important national assessment exam. Methodologically, a study of the ENEM Pedagogical Report was carried out in its consideration of the results identified, particularly in the questions with proposals for linguistic analysis. The theoretical contribution that underlies this work is supported by Marcondes (2010); Geraldi (2001); Luft (2009); Perini (2009); and Suassuna (2012).

Keywords: Linguistics. Teaching. ENEM.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como temática o desempenho de candidatos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) diante de questões que exigem uma postura analítica quanto ao uso da língua em situações comunicativas específicas.

Diante disso, parte-se do seguinte questionamento motivador da pesquisa: como os participantes do ENEM desenvolvem-se frente a questões que envolvam habilidades de identificação, relação e reconhecimento dos usos da língua em diversificados contextos de aplicação?

Para tanto, dentre os objetivos deste trabalho, pretende-se analisar as considerações dispostas no Relatório Pedagógico do ENEM acerca da composição metodológica das questões do exame, os objetivos propostos e os resultados obtidos; bem como verificar o desempenho dos participantes especificamente nas questões que requerem habilidades de análise linguística diante das práticas de uso linguístico; e, por fim, argumentar em favor do ensino da abordagem gramatical de AL, amplamente recomendada por Geraldi (2001), como alternativa mais eficaz de se desenvolver nos alunos posicionamentos crítico-reflexivos durante o processo de aprendizagem em Língua Portuguesa.

Metodologicamente, esta pesquisa realiza uma análise de dados e informações dispostas no Relatório Pedagógico do ENEM, no período referente ao ano de 2008, 2009 e 2010, de questões relacionadas à Competência I, em sua habilidade 6, no exame referente ao ano de 2008 e à Competência 08, em sua habilidade H26, nos exames de 2009 e 2010. Em outra etapa, utiliza-se uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, respaldada teoricamente em Marcondes (2010); Geraldi (2001); Luft (2009); Perini (2009); e Suassuna (2012).

O estudo realizado neste artigo faz-se, portanto, necessário, uma vez que a análise dos dados e informações provenientes do desempenho dos alunos, permite-nos verificar, através de casos concretos, situações em que se possam (re)pensar as metodologias de ensino de Língua Portuguesa perante as novas perspectivas para o ensino gramatical.

1 Referências e objetivos para a área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias: competências e habilidades linguísticas avaliadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio

O ENEM surgiu na década de 1990, a fim de mensurar a qualidade do ensino público brasileiro, a partir da avaliação sistemática das habilidades e competências aprimoradas pelo aluno durante a sua permanência da Educação Básica. Este exame avaliativo foi elaborado a partir da Lei De Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, na qual, entre outros objetivos, designa a compreensão e domínio de fundamentos científico-tecnológicos e linguísticos, a fim de que o discente saiba relacionar a teoria apreendida durante os anos escolares, aplicando-a em seu cotidiano, e finalmente instituído em 1998, pela Portaria Ministerial nº 438, de 28 de maio de 1998.

De 1998 a 2008, o ENEM foi constituído por uma prova de 63 questões objetivas e por uma proposta de redação, realizadas em um único dia de prova. Neste modelo de avaliação, pretendia-se aferir a capacidade cognitiva do aluno no que se diz a respeito à resolução de problemas cotidianos e à leitura do mundo, portanto, possuía um caráter interdisciplinar e contextualizado, de acordo com os preceitos educacionais de documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual é proposto, em nível de Ensino Médio:

A formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. São estes os princípios mais gerais que orientam a reformulação curricular do Ensino Médio e que se expressam na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96. (BRASIL, 2000, p. 5-6)

O método de avaliação desta prova baseava-se na análise de cinco competências, consideradas comuns a todas as áreas cognitivas a serem aferidas pelo exame. Dentre elas, destaca-se a competência I, na qual se diz a respeito ao domínio linguístico.

Nesta competência, era avaliada a capacidade do discente em utilizar a Língua Portuguesa em sua produção textual de forma coesa e coerente, argumentando a favor ou não do tema apresentado pelo exame. No que se diz a respeito das questões que envolvem a leitura, espera-se que o aluno saiba interpretar os diferentes problemas enunciados e retirar deles informações que sejam úteis na obtenção da resposta. Além da leitura eficaz de textos escritos, também é avaliada a capacidade do estudante em interpretar outros meios de expressão linguística, tais como gráficos, imagens, charges, etc:

O domínio de linguagens implica um sujeito competente como leitor do mundo, ou seja, capaz de realizar leituras compreensivas de textos que se expressam por diferentes estilos de comunicação, ou que combinem conteúdos escritos com imagens, “charges”, figuras, desenhos, gráficos etc. Da mesma forma, essa leitura compreensiva implica atribuir significados às formas de linguagem que são apropriadas a cada domínio de conhecimento, interpretando seus conteúdos. Ler e interpretar significa atribuir significado a algo, apropriar-se de um texto, estabelecendo relações entre suas partes e tratando-as como elementos de um mesmo sistema. (BRASIL, 2008, p. 56)

A competência I possuía esta característica abrangente, pois, segundo a matriz que a formava, o indivíduo que se submetia a fazer o ENEM para ter sua habilidade linguística considerada como eficaz, deveria mostrar domínio em compreender não somente a Língua Portuguesa, mas as diversas linguagens que estruturam as atividades pedagógicas no ensino escolar, tais como a linguagem matemática, linguagem científica, etc.

O participante deve, portanto, demonstrar, concomitantemente, possuir instrumental de comunicação e expressão adequado, tanto para a compreensão de um problema matemático quanto para a descrição de um processo físico, químico ou biológico e, mesmo, para a percepção das transformações de espaço/ tempo da história, da geografia e da literatura. (BRASIL, 2008, p. 55)

Além da divisão em competências, o ENEM era averiguado, de forma mais específica, segundo vinte e uma habilidades distintas. Dentre tais, a habilidade 6 era a responsável por nortear a avaliação da capacidade do candidato em analisar as funções da linguagem, de acordo com a variedade linguística e o contexto no qual determinado enunciado fora produzido.

A partir de 2009, o ENEM sofreu algumas modificações, como o aumento de 63 para 180 questões, divididas em dois dias de prova, e a inclusão de um exame de proficiência em uma segunda língua – Inglesa ou Espanhola -, escolhida pelo participante no ato de sua inscrição. Reestruturou-se, também, o modelo de avaliação por competências. As cinco competências passaram a ser chamadas de eixos cognitivos. Estes eixos dividem-se, agora, em nove competências que, ao total, encerram em si trinta habilidades.

Dentre as nove competências, a oitava avalia a aptidão do participante em compreender e produzir textos em sua língua materna, sejam estes orais ou escritos em diferentes gêneros textuais, adequando-os ao seu meio de veiculação e aos seus receptores. Esta competência engloba três habilidades. São elas:

H25 – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

H26 – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

H27 – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação. (BRASIL, 2009, p. 20)

Marcondes et al (2010, p. 13) apontam que, ao manusear textos de circulação social, o usuário da língua deve examiná-los não somente a partir de um prisma metalinguístico, atentando a sua estrutura sintática e aos termos utilizados, como também – e mais importante – examinar os fatores extralinguísticos que os formam, tais como os valores embutidos na mensagem, seus interlocutores, os intertextos, o meio no qual o texto foi concebido, a forma de comunicação empregada, dentre outros. Ainda segundo a autora, ler e produzir textos, antes que um trabalho técnico, é interagir socialmente enquanto cidadão, visto que todo texto que circula no meio social, não se limita à compreensão dos demais, mas produz consequências imediatas àqueles com os quais interage.

Estas habilidades constituem-se, deste modo, como importantes condutas a serem alcançadas pelo usuário da língua, a fim de se averiguar sua capacidade de exercer sua cidadania através das práticas linguísticas, agindo de modo consciente e contextualizado com a diversidade de situações e necessidades comuns ao cotidiano de uso da língua. Assim sendo, este estudo atém-se, na próxima seção, a analisar o desempenho dos participantes do ENEM nas questões que exigem habilidades referentes à competência de área número 08.

2 Análise dos resultados obtidos pelos participantes do ENEM em questões relativas à Competência de área 08

A metodologia de avaliação do ENEM 2008, como elucidado na seção anterior, tem por critério a observação de cinco competências. Entre elas, a Competência I que, além de verificar o domínio da norma culta da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, avalia a adequação do discurso em relação ao contexto de interlocução. Esta competência subdivide-se em quatro critérios, também denominados níveis nos quais o participante poderia estar inserido. São eles:

Demonstra conhecimento precário da norma culta: inadequação na escolha da variedade linguística, graves e frequentes desvios gramaticais e transgressões inaceitáveis das convenções da escrita

Demonstra conhecimento razoável da norma culta: problemas na escolha da variedade linguística; desvios gramaticais e transgressões das convenções da escrita pouco aceitáveis nessa etapa da escolaridade.

Demonstra bom domínio da norma culta (ainda que com pontuais desvios gramaticais ou transgressões pontuais das convenções da escrita).

Demonstra muito bom domínio da norma culta (ainda que com um ou outro deslize relativo à norma gramatical ou às convenções da escrita). (BRASIL, 2002, p. 122).

No ENEM aplicado em 2008, 53,46% dos participantes obtiveram nota igual ou menor que 40 pontos, logo, o desempenho foi considerado insuficiente a regular, segundo o critério do exame. Dentre os 100% dos participantes, 41,45% teve desempenho regular a bom, obtendo nota entre 40 e 70 pontos. Apenas 5,09% das provas avaliadas foram consideradas boas a excelentes, com notas maiores que 70 na Competência I. A nota média dos participantes nesta competência foi 36,36.

Em geral, a performance dos candidatos foi abaixo da média, sendo conceituada como insuficiente a regular. De acordo com níveis estipulados para a avaliação da Competência I, os candidatos se encaixam no perfil do nível I, apresentando dificuldade em relação à adequação do registro, à norma gramatical e às convenções na escrita.

Dentre as habilidades incluídas nesta competência, destaca-se a habilidade 6, a qual avalia se o candidato, tendo por base a leitura de um texto, é capaz de “analisar as funções da linguagem, identificar marcas de variantes linguísticas de natureza sociocultural, regional, de registro ou de estilo, e explorar as relações entre

as linguagens coloquial e formal” (BRASIL, 2008, p. 53). As questões elaboradas a fim de verificar tal capacidade do participante foram as questões 2, 13, 14.

Na questão número 2, considerada difícil, após a leitura de “A Ema”, o participante deveria assinalar qual linguagem fora empregada no texto. Neste quesito, 22% acertaram a questão ao escolher a alternativa B, afirmando que a linguagem empregada era formal. Já 29% dos candidatos escolheu a alternativa A, e 28% a D. As duas alternativas dizem respeito ao termo *Cat’uxu*, afirmando que este é um registro de um regionalismo indígena e uma palavra do vocabulário informal, respectivamente.

2

Assinale a opção correta a respeito da linguagem empregada no texto **A Ema**.

A palavra *Cat’uxu* é um regionalismo utilizado pelas populações próximas às aldeias indígenas.

O autor se expressa em linguagem formal em todos os períodos do texto.

A ausência da palavra Ema no início do período “É limitada (...)” caracteriza registro oral.

A palavra *Cat’uxu* está destacada em itálico porque integra o vocabulário da linguagem informal.

No texto, predomina a linguagem coloquial porque ele consta de um almanaque.

PERCENTUAIS DE RESPOSTA				
A	B	C	D	E
0.29	0.22	0.08	0.28	0.12

Habilidade 6

Fonte: Relatório Pedagógico do ENEM (2008-2010)

Na questão número 13, os candidatos deveriam identificar o interlocutor do eu-lírico de um soneto de Cláudio Manuel da Costa. O verso contido na letra A, escolhida por 33%, explicitava a resposta, pois nele está presente o vocativo “ó”, que indica a função conotativa da linguagem e estabelece relação direta com o interlocutor, no caso “os montes”. 28% escolheram a letra B ou C, demonstrando confusão em reconhecer e diferenciar o interlocutor das informações direcionadas a ele.

13

Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

A “Torno a ver-vos, ó montes; o destino” (v.1)

B “Aqui estou entre Almendro, entre Corino,” (v.5)

C “Os meus fiéis, meus doces companheiros,” (v.6)

D “Vendo correr os miseros vaqueiros” (v.7)

D “Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,” (v.11)

PERCENTUAIS DE RESPOSTA				
A	B	C	D	E
0.33	0.28	0.28	0.06	0.04

Habilidade 6

Fonte: Relatório Pedagógico do ENEM (2008-2010)

Na questão número 14, era preciso delimitar o trecho da charge que apresentava linguagem coloquial. 48% dos participantes acertaram ao escolher a alternativa A, reconhecendo a informalidade na redução da forma verbal “está” para “tá” e no uso da gíria “legal”. 20% escolheram a letra B, possivelmente confundindo a expressão “os seus chifres cairão” com marcas da coloquialidade.

14

Dick Brown. O melhor de Hagar, o horrível, v. 2. L&PM pocket, p.55-6 (com adaptações).

Assinale o trecho do diálogo que apresenta um registro informal, ou coloquial, da linguagem.

A "Tá legal, espertinho! Onde é que você esteve?!"
 B "E lembre-se: se você disser uma mentira, os seus chifres cairão!"
 C "Estou atrasado porque ajudei uma velhinha a atravessar a rua..."
 D "...e ela me deu um anel mágico que me levou a um tesouro"
 E "mas bandidos o roubaram e os persegui até a Etiópia, onde um dragão..."

PERCENTUAIS DE RESPOSTA				
A	B	C	D	E
0,48	0,20	0,11	0,07	0,12

Habilidade 6

Fonte: Relatório Pedagógico do ENEM (2008-2010)

Em números inteiros, 899.516 participantes obtiveram 0 acertos nas questões relacionadas à habilidade 6. 665.529 dos candidatos acertaram duas questões. A maioria, 1.185.84 candidatos, acertaram somente uma questão, enquanto apenas 169.669 obtiveram três acertos.

As questões observadas, apesar de serem consideradas de dificuldades média e alta, tendo em vista o número de acertos obtidos, não são questionamentos que requerem do usuário grandes conhecimentos metalinguísticos. São questionamentos que envolvem, em primazia, a capacidade de observar a língua em seu funcionamento cotidiano, identificando o grau de formalidade e os sujeitos envolvidos em um meio de veiculação de informações, no caso o texto escrito. Esta é um tipo de prática a qual o indivíduo exerce desde a tenra idade, em sua interação em sociedade e, mesmo assim, ao averiguar os percentuais da habilidade 6, percebe-se que os candidatos se mostram inconscientes em relação ao uso da língua. Logo, mesmo que eles usem naturalmente tais registros no dia-a-dia, ainda não tomaram

ciência do estão fazendo, sendo demonstrado tal desconhecimento no rendimento nas questões 2, 13 e 14.

A partir de 2009, houve modificações na matriz de referência avaliativa do ENEM. As áreas foram divididas em eixos cognitivos, o qual o eixo I concerne às questões da linguagem. Estes eixos subdividem-se em competências. Dentre estas, a de número oito concerne à Língua Portuguesa, concebendo-a como “língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade” (BRASIL, 2010, p. 20). A competência 8 engloba três habilidades, das quais destaca-se a habilidade 26, que norteia a avaliação do candidato em relacionar diferentes variedades linguísticas e seus contextos de uso.

A questão 92 foi escolhida, pelos autores do relatório pedagógico do ENEM 2009-2010, para contextualizar a habilidade 26. Neste item, é abordada a variação linguística empregada em uma determinada situação comunicacional: uma conversa entre um gerente de banco e seu cliente. Em primeiro instante, visto o grau de relacionamento entre prestador de serviço e beneficiário, caracterizado normalmente por um razoável nível de cordialidade, espera-se que a variedade empregada seja a padrão, culta. Porém, bruscamente, a conversa entre as duas personagens adquire um tom de informalidade devido à proximidade afetiva entre elas, que ao par do diálogo, descobriram que além de serem parceiras de trabalho, eram amigas íntimas.

2.2.1.9 Habilidade 26 – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social

Questão 92

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTON RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado)

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido

- Ⓐ à adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- Ⓑ à iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- Ⓒ ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- Ⓓ à intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.
- Ⓔ ao seu interesse profissional em financiar o veículo de Júlio.

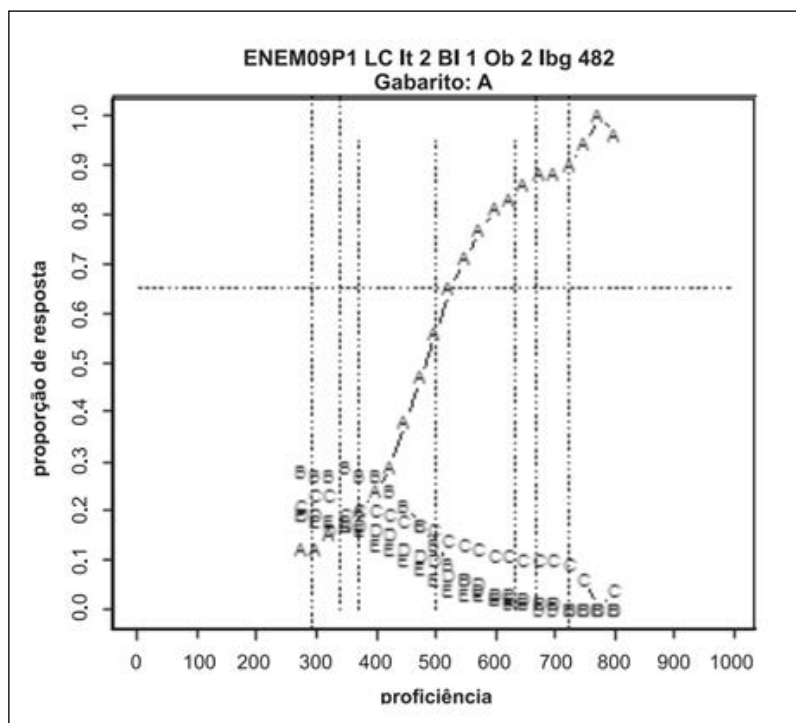
Pontuação de Proficiência	Alternativa A (%)	Alternativa B (%)	Outras Alternativas (%)
0 - 300	~0,5	~1,5	~2,0
300 - 500	~0,5	~2,5	~1,0
500 - 700	~1,0	~1,5	~1,5
700 - 900	~2,5	~0,5	~1,0
900 - 1000	~3,0	~0,5	~0,5

Fonte: Relatório Pedagógico do ENEM (2008-2010)

Era esperado que os candidatos tivessem este nível de percepção e, por meio desta conclusão, escolhessem a alternativa A. Os candidatos de proficiência mais alta, entre aproximadamente 500 a 900, foram assertivos em suas escolhas, contudo, para aqueles situados entre 300 e 500 na escala de proficiência, a letra B fora mais

atrativa. Acredita-se que a escolha por esta alternativa foi causada pela afirmação que a informalidade acometida na comunicação entre cliente e gerente seja pelo fato do primeiro se apresentar, também, como funcionário do banco.

Apesar de ser considerada uma questão de nível fácil, ou seja, que se espera um alto índice de acertos, ainda foi obtido um considerável desvio na escolha da alternativa correta, demonstrando, assim, a dificuldade de se perceber os fatores extralinguísticos - no caso a relação de amizade dos interlocutores - que influenciaram na troca da variedade formal pela informal.



Fonte: Relatório Pedagógico do ENEM (2008-2010)

A partir desta análise, averigua-se uma pequena melhora no desempenho no domínio das variedades linguísticas e suas adequações no ENEM de 2009/2010 em relação ao ENEM de 2008. Contudo, cabe realizar uma ressalva: fora constatada uma menor minuciosidade no balanceamento das informações no relatório de 2009/2010, disponibilizados à população no site do Instituto Nacional de Educação Pública (INEP). Não se sabe a média dos participantes em outras questões relacionadas à habilidade 26, portanto, é incerto afirmar que houve um rendimento satisfatoriamente maior nos itens que abordam temas da variação linguística.

3 Ensino de Análise Linguística: novas metodologias e caminhos para a abordagem gramatical na escola

Desde a década de 1980, estudiosos da área da educação se debruçam a investigar os fatores responsáveis pelo fracasso escolar acerca da leitura e produção textual. Apesar de demonstrar certo domínio metalinguístico das estruturas formais da Língua Portuguesa, o alunado apresenta dificuldades em pô-las em prática nas situações reais de interação comunicativa.

No último Exame Nacional do Ensino Médio, por exemplo, a nota média nacional dos participantes em Linguagem, Códigos e Suas Tecnologias foi 509,8 pontos. A nota média da redação, por sua vez, contabilizou um total de 596,4 pontos. Ademais, 521.600 produções textuais foram anuladas, portanto receberam nota 0 zero, de acordo com os parâmetros avaliativos do exame. Tal dificuldade em interpretar e em produzir textos de forma coerente também conduziu instituições de ensino superior a preferir questões dissertativas às de múltipla escolha, além de delegar maior peso avaliativo à redação final.

Estes resultados demonstram a urgência de se repensar o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, de modo que os discentes finalizem a sua estadia na escola curricular hábeis a utilizar sua língua materna de forma efetiva nas mais diferentes situações comunicativas que enfrentarão, seja numa prova de vestibular, numa entrevista de emprego, ou em uma simples conversa informal, conforme ratifica Geraldi ao dispor que:

Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra. Outra, é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (GERALDI, 2001, p.46)

Nesse sentido, Luft (2009) afirma que o principal equívoco cometido por professores de Língua Portuguesa é trabalhá-la em sala de aula a partir da justificativa de que o aluno não sabe a própria língua materna. Logo, o docente negligencia a gramática internalizada de seu discente, ou seja, ignora toda sua bagagem linguística, fruto da apropriação da variante da língua utilizada pelos falantes de seu contexto sociocultural, que se materializa na fala.

A gramática (saber linguístico internalizado) dos falantes é sempre completa: sistema de todas as regras necessárias para se poder falar. Mesmo a criança de cinco ou seis anos que já fala com desembaraço, e o mais humilde dos analfabetos, necessariamente dominam a gramática completa que preside seus atos de fala. Do contrário, não haveria como falar. (LUFT, 2009, p. 36)

Desta forma, é pretendido, erroneamente, ensinar a forma “correta” da Língua Portuguesa, pautando-se somente na variedade padrão da língua, na maioria das vezes, em sua forma escrita. Esta postura, além de limitar o conceito de língua em sala de aula, demonstra desconhecimento acerca dos preceitos educacionais contidos no PCN de Língua Portuguesa, o qual afirma que:

Para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Outro equívoco cometido nas aulas de Português que compromete a competência linguística do aluno, ou seja, que limita o seu desenvolvimento enquanto um indivíduo capaz de produzir e interpretar diversificados dos textos coerentemente com o contexto comunicacional, é a abordagem isolada da língua em relação ao seu uso efetivo em situações reais de interação. A gramática e os fenômenos linguísticos, com demasiada recorrência, são estudados de maneira descontextualizada. Perini (2009) demonstra a seguinte situação

O professor diz que o futuro do subjuntivo do verbo ver é *quando eu te vir etc.*: assim, “devemos” (ou “deveríamos”) dizer quando eu te vir amanhã... O aluno sabe muito bem que ninguém fala assim; todos dizem *quando eu te ver...* Em outras palavras, o que o professor está ensinando não bate com o que se observa na realidade. Se um aluno perguntar por que o professor está dizendo que a forma é *quando eu vir*, a resposta (se houver resposta) será que *é assim que é o certo*. Nota-se: não se deu nenhum motivo racional. (PERINI, 2009, p. 51)

Esta postura do professor exemplifica o caráter de uma metodologia estritamente normativo-prescritiva, na qual se objetiva, como o próprio nome já antecipa, prescrever, ditar uma forma “certa” de utilização da língua. Neste modelo de trabalho, o aluno é pouco estimulado a pesquisar, de fato, os mecanismos de funcionamento de sua língua materna.

Ora, se é pretendido capacitar o indivíduo a fim de que ele saiba adequar sua fala ou sua escrita ao ambiente de comunicação, conseqüentemente deve-se trabalhar a língua por meio de manifestações linguísticas concretas e não somente a partir da fixação de regras do “bom uso”.

Uma alternativa diante dessa necessidade é o trabalho com textos em sala de aula, além de constar nos documentos oficiais da educação, é objeto de estudo da metodologia de ensino de Língua Portuguesa, pensada na década de 1980 por Geraldí, denominada Análise Linguística.

A prática da Análise Linguística em sala de aula se subdivide em três pilares: a leitura, a escrita e a análise metalinguística, tendo como base os textos produzidos em sala de aula. O objetivo deste método não é trabalhar, de prontidão, com textos bem escritos, mas exercitar a reescrita do aluno. Por meio da produção, revisão e reescrita dos textos, “o qual exige uma tomada de consciência dos mecanismos linguísticos e discursivos acionados quando do uso da linguagem” (SUASSUNA,

2012, p.12), o discente desenvolveria a competência comunicativa em sua língua materna de forma mais substancial, uma vez que os aspectos linguísticos seriam trabalhados significativamente, dentro de um contexto.

A Análise Linguística não exclui uma abordagem gramatical tradicional, contudo amplia a noção de língua do aluno, pois se acredita que o objetivo do ensino de Língua Portuguesa não se limita à “higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’” (GERALDI, 2001, p. 74). A finalidade é capacitar o indivíduo, a fim de que ele, com seus textos e com seu olhar crítico, se emancipe enquanto cidadão ativo na sociedade.

Conclusão

Ao analisar os resultados obtidos nas questões do ENEM referentes ao domínio linguístico, atesta-se que estas ainda acumulam notas que caracterizam um baixo rendimento. Há uma dificuldade considerável em pensar o Português fora das terminologias contidas nos apêndices gramaticais. Os candidatos, em sua maioria, quando questionados sobre o funcionamento da língua em situações cotidianas, mostram-se despreparados. Acredita-se que tal impasse é fruto da metodologia tradicional de ensino de língua demasiadamente utilizada pelos professores de Português, na qual os alunos aprendem a metalinguagem gramatical, mas pouco sabem contextualizá-las em fenômenos linguísticos presentes no seu dia a dia.

Esta postura metodológica se contrapõe às diretrizes educacionais de Língua Portuguesa de documentos oficiais, como os PCNs, e conseqüentemente também vai de encontro à proposta avaliativa do ENEM, uma vez que a prova é fielmente respaldada em tais documentos. Como possível solução para esta divergência, foi apresentado o modelo de ensino denominado Análise Linguística, no qual se destaca o estudo dos fenômenos da língua por meio de textos, em grande parte produzidos pelos próprios alunos, tornando a aprendizagem mais significativa ao requerer do discente uma postura mais ativa e investigativa em relação à própria língua materna.

Deste modo, ao oferecer este tipo de ensino ao educando, o professor estará preparando-o de maneira mais eficaz para avaliações como o ENEM, cujas questões se apoiam em textos de circulação social para abordar temas relativos à língua, assim como o preparará para vida, uma vez que o aluno irá interagir com e por meio de textos enquanto ser social pertencente a uma comunidade falante.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Relatório Pedagógico ENEM 2008**. Brasília, MEC, 2008. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/relatorios_pedagogicos/relatorio_pedagogico_enem_2008.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Relatório Pedagógico ENEM 2009-2010**. Brasília, MEC, 2009. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/relatorios_pedagogicos/relatorio_pedagogico_enem_2009_2010.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC, 2000.

BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm>. Acesso em 04 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Matriz de Referência ENEM**. Brasília, MEC, 2010. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf>. Acesso em 07 dez. 2018.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**: por uma nova concepção da língua materna. 8. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MARCONDES, Beatriz et al. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PERINI, Mário Alberto. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

SUASSUNA, Livia. Ensino de análise linguística: situando a discussão. In: SILVA, Alexsandro; PESSOA, Ana Cláudia; LIMA, Ana (Org.). **Ensino da gramática**: reflexões sobre a língua portuguesa na escola. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Coleção Língua Portuguesa.